

R. Farias Brito

# O MUNDO INTERIOR

(ENSAIO SOBRE OS DADOS GERAIS  
DA FILOSOFIA DO ESPÍRITO)

*3.ª edição*

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA





## MATURIDADE DA FILOSOFIA BRASILEIRA: FARIAS BRITO

Cada filósofo sofre a influência da ciência especial a cuja inspiração preponderante obedece, mas sempre que se entrega à especulação filosófica propriamente dita, o que tem em vista e o que procura é interpretar o espírito.

FARIAS BRITO

### Filosofia e psicologia

*Fundada por Domingos José Gonçalves de Magalhães, com sua obra Factos do Espírito Humano<sup>1</sup>, a filosofia brasileira se afirma em função do conhecimento de si como problema (Cerqueira, 2001: 7-41). Tal problema, evidentemente, não é exclusivo da filosofia no Brasil, senão da própria filosofia. Desde o «conhece-te a ti mesmo» socrático ao cogito cartesiano, passando pelo cogito agostiniano, toda a história da filosofia gira em torno ao conhecimento de si como o ponto crucial. Neste sentido, o nascimento da filosofia remonta aos gregos<sup>2</sup>: antes de enunciar-se a necessidade da consciência de si como*

---

<sup>1</sup> Primeira ed. em Paris, 1858; 2.<sup>a</sup> ed. no Rio de Janeiro, 1865; 3.<sup>a</sup> ed. em Lisboa, pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001.

<sup>2</sup> No diálogo de Platão *Alcibíades*, ou da natureza do homem, Sócrates, depois de ressaltar a necessidade de buscar-se o «'si mesmo' absoluto» (131 c) que confere o carácter ontológico ao conhecimento de si mesmo, explica que «ao prescrever-se o conhecimento de 'si mesmo' o que se ordena é o conhecimento de nossa

*espírito — isto é, não como um corpo, nem como a vontade determinada pelas necessidades materiais, mas como inteligência e liberdade de acção — não havia o que se denominou «filosofia». Entretanto, antes de enunciar-se essa necessidade de conhecimento, havia evidências de vida do espírito: havia costumes, crenças, religião, manifestações artísticas. Em outras palavras, havia espírito, mas não havia aquela disciplina em função da qual se podia aspirar a uma vida rigorosamente regida pelas necessidades do espírito, como a verdade, a justiça, a beleza, que não podem ser conhecidas na experiência, senão pensadas como valores. Disso se segue que a vida do espírito é um facto evidente na história da humanidade; segue-se também que o conhecimento ou consciência de si como espírito, mediante a separação entre sujeito e objecto de conhecimento, é um fenómeno psíquico, o qual não se confunde com os fenómenos da natureza, situando-se o psíquico, em sua especificidade, para além dos limites da experiência. Quando se perde o sentido de transcendência e independência da vida psíquica em relação à experiência, disso resultando a perda de valores e a decadência da cultura, a filosofia só se renova mediante um único caminho: o retorno ao conhecimento de si como espírito. O exemplo historicamente mais próximo é a exigência do conhecimento de si inerente ao cogito cartesiano como ponto final do aristotelismo esco-*

---

alma» (*ibidem*), a qual corresponde à consciência pura, e não à consciência empírica, na medida em que, para ele, o «si mesmo» consiste na parte da alma «em que nela se encontra sua faculdade própria, a inteligência» (134 a), a qual, não pertencendo a homem algum em particular, só pode ser uma condição prévia, divina, do eu moral e livre do mecanismo da própria natureza, de modo que «mirando, pois, a divindade, nos servimos do melhor espelho das coisas humanas com relação à virtude da alma, e assim, nele, nos vemos e reconhecemos melhor a nós mesmos» (*ibidem*). Posteriormente, ao caracterizar a filosofia como o amor da sabedoria independente de qualquer necessidade material, de quaisquer factores externos, Aristóteles reforçou a perspectiva do ideal platónico-socrático ao definir tal independência do amor da sabedoria como correlato da consciência absoluta, explicando que aqueles que «filosofaram para fugir da ignorância, é claro que buscavam o saber em vista do conhecimento, e não por alguma utilidade [...] Pois esta disciplina começou-se a buscar quando já existiam quase todas as coisas necessárias e as relativas ao descanso e ao ornato da vida. É, pois, evidente que não a buscamos por nenhuma outra utilidade, senão que, *assim como chamamos homem livre aquele que é para si mesmo e não para outro*, assim a consideramos como a única ciência livre, pois só é para si mesma» (*Metafísica*, I, II, 982 b; sublinhados acrescentados).

*lástico decadente e como princípio da modernidade. Mas essa exigência não é (insista-se nesse aspecto) exclusiva da nova era que se impõe, tão-pouco da modernidade<sup>3</sup>, senão do que se chama a vida mesma do espírito.*

*É neste sentido, que acabámos de explicar, que Farias Brito compreende a filosofia. Para ele, a filosofia nos tempos da modernidade não deve ser considerada senão em relação à ciência, mas somente na medida em que se considera a ciência um facto histórico resultante da actividade permanente do espírito: a filosofia é anterior à ciência e tem, por isso mesmo, um carácter pré-científico. Porém, quando se confunde a necessidade de autoconsciência com as necessidades históricas que dela resultam, a ideia de filosofia se empobrece e se reduz ao âmbito da nova era. É inegável que uma das maiores conquistas da humanidade, senão a maior de todas, é a ciência como se concebe desde a chamada revolução científica no século xvii. O advento da «ciência da natureza», como resultado do desprendimento da razão pura, acrescentou à actividade do espírito uma exigência de rigor até então desconhecida no ensino da disciplina, de tal modo que, pela primeira vez, segundo a frase lapidar de Farias Brito, «a ciência, que é produto da filosofia, se faz, por sua vez, condição da filosofia» (Brito, 1912: I, vii). Ora, essa ideia da ciência como condição da filosofia poderia ter uma significação meramente negativa quanto ao carácter transcendente do conhecimento de si, na medida em que a moderna ciência da natureza estabeleceu a experiência como limite de todo o conhecimento; mas, uma vez que Farias Brito leva em conta a esfera da «coisa em si» kantiana, a esfera do incognoscível, seu uso da palavra condição ganha uma significação positiva quanto à possibilidade metafísica de a razão transcender os limites da experiência sem entrar em contra-*

---

<sup>3</sup> Observe-se que a conversão cristã pressupõe o conhecimento de si na mesma perspectiva ontológica da tradição socrática, inclusive no que diz respeito à exigência de outra alma (o pregador, no âmbito da religiosidade cristã) como espelho. Ver, por exemplo, Santo Agostinho, *Confissões*, viii, v, 10-11; ver também o nosso Padre António Vieira, *Sermão da Sexagésima* (1655), quando esclarece: «Que coisa é a conversão de uma alma senão entrar um homem dentro em si, e ver-se a si mesmo?»; no sermão *As Cinco Pedras da Funda de David* (1676), Vieira confirma a necessidade ontológica da consciência de si ao afirmar que «neste mundo racional do homem, o primeiro móbil de todas as nossas acções é o conhecimento de nós mesmos».

*dição consigo mesma. Tal possibilidade diz respeito à intencionalidade da acção moral, livre, criadora, que envolve a vida do espírito do ponto de vista dela mesma considerada em si e não como fenómeno físico ou mesmo psicofísico. Portanto, do ponto de vista de uma exigência de rigor na actividade do espírito, o projecto metafísico de Farias Brito converge para Kant e sua Crítica da Razão Pura (Kant, Crp: B, xxiv), de maneira que, ao contrário do que muitos imaginaram, quando viram Farias Brito usar «Estudos de filosofia e teleologia naturalista» como subtítulo de sua obra Finalidade do mundo, nosso autor jamais aderiu ao naturalismo, senão à atitude kantiana de aceitar o limite estabelecido pelo método da física como condição de toda a transcendência metafísica. Eis, portanto, em Farias Brito, o carácter transcendente da actividade do espírito que, a partir e em função da ciência como produto dessa actividade mesma, ele denominou «filosofia supercientífica»: «Particularizando-se na observação dos fenómenos, a filosofia produz as ciências [...] Mas com isto não fica terminada a sua obra [...] porque, partindo das ciências, eleva-se [...] a uma concepção do todo; por onde se vê que vai sempre além das ciências [...] É neste último sentido que a filosofia constitui o que eu chamo filosofia supercientífica» (Brito, 1912: § 63.º).*

*Ressalte-se, porém, que essa convergência para Kant nada tem a ver com qualquer espécie de kantismo, senão com os princípios da filosofia moderna defendidos por Kant. Para esclarecer o moderno sentido da relatividade do conhecimento, por exemplo, ele vai a Kant, como já o fizera Tobias Barreto: «É concepção mui comum na filosofia moderna, principalmente a partir de Kant, que nosso conhecimento das coisas só é possível através de certas ideias ou formas derivadas da constituição mesma de nosso espírito» (Brito, 1914: § 39.º). Mas assim como vai a Kant para entender que a ideia de relatividade se impõe em função do sujeito pensante como princípio, dele se afasta pela mesma razão. Porquê? Porque «Kant não foi um psicólogo» (Brito, 1912: § 35.º). Kant não parte da consciência para explicar o conjunto das coisas, mas, pelo contrário, parte do conjunto das coisas para explicar a consciência: «considera-se em primeiro lugar o todo, para explicar, por dedução, o espírito, partindo, por via ontológica, de conceitos a priori» (ibidem). Desse modo, a psicologia, enquanto ciência do sujeito pensante, seria apenas o resultado das próprias condições do pensamento, correspondendo à ideia transcendental de unidade absoluta ou incondicional do sujeito pensante; seria apenas uma construção*

a que nada corresponde objectivamente; seria apenas «uma ilusão natural e inevitável» (Kant, Crp: A, 298), de tal forma que «o argumento referente à psicologia [...] com o qual se pretende provar o princípio da substancialidade da alma, partindo do cogito cartesiano, é simplesmente um paradoxo» (Brito, 1912: § 35.º). Em consequência desse prejuízo da psicologia racional, Kant propõe uma psicologia empírica. Neste ponto, o filósofo brasileiro afasta-se inteiramente do filósofo alemão.

Uma vez descartado o enfoque kantiano para a compreensão da dinâmica própria da consciência, seja numa perspectiva racionalista ou empirista, faz sentido uma interpretação de carácter existencialista *avant la lettre*, e nunca de carácter místico, quanto à preocupação britânica com a «região do mistério» que envolve a nossa existência porque «vegetamos na morte e temos nossas raízes no nada» (Brito, 1966: 398). Primeiramente, porque, para Farias Brito, em sintonia com a própria tradição filosófica brasileira, passando por António Vieira, Gonçalves de Magalhães e Tobias Barreto, a consciência tem por base um corpo e se encontra em face do mundo. Neste aspecto, o uso da palavra natureza em Farias Brito se amplia para o significado do termo *physis* entre os pré-socráticos: «se na ordem da existência tudo se liga, tudo se prende, que há de estranho em que o espírito se ache ligado à natureza e deva ser explicado como um fenómeno da natureza, havendo mesmo uma ligação profunda e, até certo ponto, uma unidade fundamental entre o que se chama espírito e o que se chama matéria?» (Brito, 1912: § 9.º). Por outro lado, contra qualquer hipótese de misticismo, ele chama a atenção para o facto de que nunca propôs nenhuma «interpretação dos mistérios do ser por sugestão ou inspiração de algum poder sobre-humano», uma vez que «para isto só posso contar com os recursos naturais da razão e os processos regulares da lógica. Raciocino sobre os dados que minha consciência recebe da impressão das coisas e dos factos: mas vou somente até onde a razão me leva» (Brito, 1966: 400-401).

Essa preocupação existencial intrínseca ao projecto filosófico britânico, em virtude da qual ele entende que a morte é «o mistério dos mistérios», perguntando-se «Que valor tem o todo para uma consciência que deve ter como certa a sua total extinção?», essa preocupação existencial, bem como a relação que estabelece entre filosofia e psicologia, decorre de sua profunda adesão aos progressos da filosofia moderna. Tal adesão ele manifesta por meio de seus conceitos instru-



*mentais de filosofia pré-científica e filosofia supercientífica: a ciência, com base no método matemático-experimental, visa o domínio do homem sobre a realidade circunscrita à natureza física; para além desse domínio, incluindo-o, a actividade filosófica, sem prejuízo de suas aspirações pré-científicas originárias (que seriam, em última instância, a organização da vida em bases racionais), visa o domínio da realidade como um todo, passando, então, a ter em vista exclusivamente o domínio do homem sobre si mesmo e sobre a sua própria acção no mundo da vida (Brito, 1912: I, x). O sentido dessa exclusividade, uma vez identificado com a necessidade de um método próprio para a actividade filosófica, pode ser esclarecido, com certeza, pela semelhança com a ideia de filosofia como ciência rigorosa em Husserl, para quem o carácter dominante da filosofia moderna está em «investigar cada vez mais profundamente seu próprio método» (Husserl, 1969: 43).*

*Assim sendo, a afirmação, em Farias Brito, de que a ciência tornou-se condição da filosofia não significa ir ao encontro do naturalismo ou do espírito «positivo», submetendo ao método experimental da ciência da natureza também a consciência, que passaria assim, como fenómeno da natureza e segundo uma causalidade mecânica, a constituir-se no objecto de uma psicologia «científica» ou «experimental»; nem quer dizer, como ainda hoje muitos propagam no magistério da disciplina Filosofia, que, depois da irrupção histórica da ciência, a filosofia estaria a sobreviver à custa das situações-limite que enfrentamos nos diferentes campos em que se dividiu o estudo da natureza. Simultaneamente a Husserl, e de maneira muito semelhante, Farias Brito fez a crítica da psicologia circunscrita aos limites da experiência e, na mesma medida, propôs uma psicologia transcendente desses limites para dar conta da dimensão metafísica da realidade. Farias Brito chegou a afirmar: «A filosofia é a psicologia, a ciência do espírito» (Brito, 1914: § 5.º), esclarecendo, porém, que a palavra psicologia, para além da sua significação ordinária, que diz respeito à análise da actividade psicofísica, significa a indagação acerca da natureza do espírito de tal modo que, «considerando este não somente em sua função puramente humana, mas em sua significação mais geral, confunde-se com a metafísica e não só trata de descobrir a relação que há ou deve haver entre o espírito e o todo universal, como ao mesmo tempo procura interpretar o próprio todo universal» (ibidem). Para o autor de A Base Física do Espírito (1912), tanto quanto para o autor de Philosophie als strenge Wis-*

senschaft (1910-1911), eis o grande perigo que vivemos no mundo moderno e que põe em risco a vida da própria filosofia: a incapacidade de perceber que a redução dos fenómenos psíquicos ao âmbito das ciências da natureza, sob o método experimental, não tem implicações apenas no mundo teórico, mas, sobretudo, no mundo da vida, o que quer dizer, em última instância, que essa redução tem a dimensão existencial de uma vida sem esperança, sem graça, sem poesia, de uma vida que «deve ter por objectivo a verdade e unicamente a verdade, por triste e desoladora que seja» (Brito, 1914: § 1.º). Estas são, em linhas gerais, as coordenadas para conferirmos à obra filosófica de Farias Brito não só uma posição de vanguarda no cenário filosófico ocidental, mas, especialmente, um sentido de «espiritualismo» ou «filosofia do espírito» que tem a sua origem na própria ontogénese da consciência de si no Brasil.

### **O conhecimento de si como princípio da filosofia**

O que levou Descartes a introduzir, em suas *Meditações*, o cogito como princípio? Conforme seu próprio testemunho, uma vez convencido de que todo o conhecimento que ele mesmo recebera e fundara «em princípios tão mal assegurados não podia ser senão mui duvidoso e incerto», convenceu-se também da necessidade de «começar tudo novamente desde os fundamentos, se quisesse estabelecer algo de firme e de constante nas ciências». Eis, portanto, na *Meditação Segunda*, o princípio em função do qual todo o sujeito torna-se capaz de obter conhecimentos como uma experiência actual, e não apenas sob a forma passiva na qualidade de aluno que aceita tudo o que o mestre afirma: «nada sou, pois, falando precisamente, senão uma coisa que pensa, isto é, um espírito, um entendimento ou uma razão, que são termos cuja significação me era anteriormente desconhecida». Tal princípio, que envolve a separação entre sujeito e objecto de conhecimento, revela-se sob a forma da busca de conhecimentos objectivos orientada pela subjectividade em termos de alma, mente, razão, entendimento, inteligência, consciência, espírito ou pensamento. É do ponto de vista dessa orientação que não só se justifica a separação entre sujeito e objecto de conhecimento, que é só de razão, como também se justifica a necessidade de uma psicologia como tarefa filosófica.

## ÍNDICE

<i>Maturidade da filosofia brasileira: Farias Brito,</i> por L. A. CERQUEIRA .....	7
---	---

### O MUNDO INTERIOR

(ENSAIO SOBRE OS DADOS GERAIS DA FILOSOFIA DO ESPÍRITO)

#### LIVRO I

#### AS NOVAS TENDÊNCIAS DO PENSAMENTO

##### CAPÍTULO I

##### NECESSIDADE DE UMA ORIENTAÇÃO NOVA

§ 1.º A situação actual .....	51
§ 2.º Carácter provisório da obra dos psicólogos modernos .....	55
§ 3.º Determinação precisa do conceito da psicologia .....	59
§ 4.º A psicologia e a arte .....	65
§ 5.º A psicologia e a metafísica .....	71
§ 6.º Sistematização geral dos estudos psíquicos .....	76

##### CAPÍTULO II

##### O RENASCIMENTO DA FILOSOFIA DO ESPÍRITO

§ 7.º O espírito novo na filosofia .....	81
§ 8.º A morte das doutrinas de demolição .....	84
§ 9.º O dogma da filosofia do desespero .....	87

CAPÍTULO III

**A FILOSOFIA DO ESPÍRITO  
E AS INVESTIGAÇÕES MAIS RECENTES  
SOBRE O PASSADO MAIS REMOTO DO HOMEM**

§ 10.º Das origens da filosofia do espírito .....	93
§ 11.º O dogma da queda: Renouvier.....	96
§ 12.º O dogma da queda: Secretan .....	98
§ 13.º Um escritor nosso: nova luz sobre o passado .....	103

CAPÍTULO IV

**SIGNIFICAÇÃO HISTÓRICA E INTERPRETAÇÃO REAL  
DO VERDADEIRO SENTIDO DAS RELIGIÕES**

§ 14.º Sobre o valor da história: o espírito como centro da esfera infinita do universo.....	115
§ 15.º Atitude reaccionária da ciência moderna com relação às religiões .....	119
§ 16.º A ciência das religiões .....	124
§ 17.º Religião e filosofia .....	130

LIVRO II

**QUESTÃO FUNDAMENTAL: A «COISA EM SI»  
E OS FENÓMENOS**

CAPÍTULO I

**A QUESTÃO DA «COISA EM SI» E DOS FENÓMENOS**

§ 18.º Necessidade de uma rigorosa delimitação do conceito do espírito .....	147
§ 19.º A questão da «coisa em si» e dos fenómenos em seu desenvolvimento histórico .....	149
§ 20.º A questão da «coisa em si» e dos fenómenos na filosofia crítica .....	152
§ 21.º A «coisa em si» e a metafísica.....	156
§ 22.º As eventualidades da «coisa em si» na própria filosofia de Kant.....	159
§ 23.º A «coisa em si» na filosofia de Fichte .....	165
§ 24.º A «coisa em si» na filosofia de Schelling.....	167
§ 25.º A «coisa em si» na filosofia de Schopenhauer .....	170

§ 26.º A «coisa em si» na filosofia de Renouvier .....	177
§ 27.º A «coisa em si» na escola positivista: o conceito do inco- gnoscível .....	182
§ 28.º A «coisa em si» na filosofia de Spencer .....	184
§ 29.º A «coisa em si» na filosofia de Hartmann: o conceito do inconsciente .....	187

## CAPÍTULO II

### DESENVOLVIMENTO SOBRE A QUESTÃO DA «COISA EM SI» E DOS FENÓMENOS: O PRAGMATISMO

§ 30.º Influência das ideias de Schopenhauer .....	191
§ 31.º A filosofia das ideias-forças de Fouillée .....	192
§ 32.º O voluntarismo psicológico de Wundt .....	194
§ 33.º O pragmatismo .....	195
§ 34.º O pragmatismo e o critério da verdade .....	203
§ 35.º O pragmatismo e a religião .....	208

## CAPÍTULO III

### AINDA DESENVOLVIMENTO SOBRE A QUESTÃO DA «COISA EM SI» E DOS FENÓMENOS: A FILOSOFIA DE BERGSON

§ 36.º A nova doutrina .....	211
§ 37.º Filosofia e ciência .....	215
§ 38.º O ponto de vista fundamental do bergsonismo .....	219
§ 39.º Dados imediatos da consciência .....	220
§ 40.º Intensidade dos estados psicológicos .....	221
§ 41.º Multiplicidade dos estados psicológicos .....	225
§ 42.º O espaço e a duração .....	228
§ 43.º O movimento .....	233
§ 44.º O <i>eu</i> e sua sombra .....	236
§ 45.º Organização dos estados psicológicos: liberdade .....	241
§ 46.º O determinismo e a previsão de factos futuros .....	246
§ 47.º O determinismo e a lei de causalidade .....	251
§ 48.º Seremos sempre livres? .....	255
§ 49.º Atitude de Bergson com relação à questão da «coisa em si» e dos fenómenos .....	256
§ 50.º Bergsonismo e pragmatismo .....	265

#### CAPÍTULO IV

### VISTA RETROSPECTIVA: EVOLUÇÕES DO CONCEITO DA VONTADE — DE SCHOPENHAUER A BERGSON

§ 51.º Sobre o valor da história no trabalho da investigação filosófica .....	269
§ 52.º Sobre o caso particular da questão da «coisa em si» e dos fenómenos em relação com a história do pensamento .....	272
§ 53.º O momento ontológico na evolução da teoria da vontade: Schopenhauer .....	273
§ 54.º O momento empírico: pragmatismo .....	276
§ 55.º O momento psicológico: Bergson .....	278

#### CAPÍTULO V

### O FENOMENISMO ABSOLUTO: CARÁCTER VAGO E INDETERMINADO DE SEUS CONCEITOS FUNDAMENTAIS

§ 56.º Fenómeno e representação .....	287
§ 57.º Aparência e realidade .....	289
§ 58.º Realidade e verdade .....	291
§ 59.º Relação e relatividade: o absoluto e o relativo; o sujeito e o objecto; o espírito e a matéria .....	293
§ 60.º Influência crescente do princípio da relatividade: a relação substituindo o absoluto .....	297

#### CAPÍTULO VI

### DO FENOMENISMO AO IDEALISMO: IDEALISMO ABSOLUTO

§ 61.º Determinação precisa do conceito de fenómeno .....	303
§ 62.º O conceito de fenómeno na filosofia fenomenista: diversas acepções .....	304
§ 63.º Em que consiste o erro do fenomenismo .....	307
§ 64.º Influência da ilusão fenomenista .....	312
§ 65.º Verdadeira significação histórica do fenomenismo: o imaterialismo de Berkeley e o fenomenismo .....	316
§ 66.º Desenvolvimento sobre o imaterialismo de Berkeley .....	320
§ 67.º Atitude do fenomenismo em face do imaterialismo de Berkeley: insubstancialismo radical. Múltiplos aspectos do fenomenismo .....	322
§ 68.º O idealismo absoluto .....	327

§ 69.º Conclusão sobre o idealismo absoluto: a realidade do mundo exterior como afirmação permanente da consciência ...	335
§ 70.º Transição para a dedução do conceito da «coisa em si» ....	337

#### CAPÍTULO VII

#### SOLUÇÃO DEFINITIVA DA QUESTÃO DA «COISA EM SI» E DOS FENÓMENOS: O ESPÍRITO COMO «COISA EM SI»; O MUNDO COMO FENÓMENO DO ESPÍRITO

§ 71.º A natureza exterior .....	341
§ 72.º A filosofia do vir-a-ser e da mudança: de Heraclito a Bergson .....	343
§ 73.º Dedução do conceito da «coisa em si» .....	348
§ 74.º A «coisa em si» ou a existência verdadeira no homem ....	353
§ 75.º A «coisa em si» no animal e na planta .....	354
§ 76.º A «coisa em si» nos corpos inorgânicos .....	358
§ 77.º Existe a matéria? .....	359
§ 78.º O espírito como «coisa em si»: a matéria como fenómeno do espírito .....	364
§ 79.º A alma e o corpo .....	368

#### CAPÍTULO VIII

#### PRIMADO DA INTELIGÊNCIA: CARÁCTER NEGATIVO DO CONCEITO DA VONTADE

§ 80.º Fanatismo da vontade: a vontade e o materialismo moral	375
§ 81.º Preponderância do conceito da vontade na filosofia contemporânea .....	381
§ 82.º A filosofia do imperialismo: Ernest Seillière .....	386
§ 83.º A vontade como conceito negativo .....	388
§ 84.º A vontade como poder: notas e esclarecimentos .....	389
§ 85.º A vontade como sinal de imperfeição .....	392
§ 86.º A vontade como fenómeno da inteligência .....	398
§ 87.º O conhecimento ou a contemplação pura como condição de libertação .....	400
§ 88.º O valor da inteligência .....	403
§ 89.º A questão do método: significação e valor da introspecção	408

APÊNDICE  
**ENSAIO SOBRE O CONHECIMENTO**

CAPÍTULO I

**POR QUE VOLTO A ME OCUPAR  
DE ASSUNTOS FILOSÓFICOS**

§ 1.º Da extensão do conhecimento.....	429
§ 2.º Não sou um visionário, nem um místico.....	432
§ 3.º Em meu esforço pelo conhecimento nenhum socorro me vem de fora .....	434
§ 4.º Tenho vivido para estudar e meditar uma questão única: significação dos meus anteriores trabalhos .....	435

CAPÍTULO II

**O PONTO DE VISTA CRÍTICO: O CONCEITO DA FILOSOFIA  
E SUA SIGNIFICAÇÃO FUNDAMENTAL  
COMO ACTIVIDADE DO ESPÍRITO**

§ 5.º Posição da questão .....	437
§ 6.º Filosofia e ciência .....	441
§ 7.º Filosofia pré-científica e filosofia supercientífica .....	444
§ 8.º <i>Perennis philosophia</i> .....	449